

## **DESAFIOS DE ENSINAR E APRENDER HISTÓRIA: A EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Marcelino Gouveia Franzoni

Estudante do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal –

FACIP/UFU

Astrogildo Fernandes da Silva Júnior

Professor do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal –

FACIP/UFU

e-mail: [silvajunior\\_af@yahoo.com.br](mailto:silvajunior_af@yahoo.com.br)

Para Larrosa (1996), “Ex-per-iência significa por para fora e passar através”. A categoria experiência permite compreender as relações entre o conhecimento e a vida humana. Para Benjamin (1993), aos pobres em experiência só resta assumir a barbárie. O autor diferencia experiência de vivência. Na esfera da vivência, saturada de eventos e sensações, resta ao ser humano a capacidade de reagir a esses estímulos. Para o autor, é imprescindível a experiência, sinônimo de sabedoria e autoridade, consolidada por meio de sua transmissão de geração para geração.

Nesse sentido, busco com este trabalho descrever de maneira reflexiva minha experiência como estagiário do curso de História da Faculdade de Ciências Integradas da Universidade Federal de Uberlândia – FACIP/UFU, as questões que me intrigavam ao início do Estágio Supervisionado II eram: como desenvolver a consciência histórica nos alunos? Como minimizar os preconceitos existentes na sociedade? Como mostrar que a ciência histórica se altera com o decorrer das pesquisas? Como ensinar aos jovens estudantes que o que está nos livros didáticos não são verdades absolutas? Com o intuito buscar respostas para tais questionamentos recorri aos estudos de vários autores como, PAIS (1999) e GUIMARES (2003).

Para a organização deste artigo inicialmente apresentarei algumas características da escola campo de estágio; em seguida registrarei a minha proposta de ensino e por fim, apresento algumas considerações a partir desta experiência.

### **1. A escola campo de estágio: algumas considerações**

A Escola Estadual José Estadual de Queiros que fica no município de Canápolis MG, onde realizei meu estágio, possui uma infra-estrutura de qualidade com salas amplas e ventiladas porém sem recursos digitais em cada sala e mesmo sem lousa para pincel atômico. Possui, uma biblioteca, uma sala de computação, que não estava sendo utilizada, por estar ocupada com livros didáticos, e por estar em manutenção estrutural, uma cantina ampla para preparo de refeições para todos os alunos, sala para os professores para o secretariado para diretora e vice diretora.

A escola oferta o ensino em nível fundamental e apenas nos períodos matutinos e vespertinos. Os alunos que frequentam a escola são de diferentes classes econômicas e tanto da zona urbana quanto rural. Especificamente os alunos a que ministrei as aulas, em meu período de observação, eles eram de difícil disciplina, não paravam de conversar paralelamente e faziam as tarefas que o professor passava depois de muita insistência e persuasão por parte do mesmo. Aprofundei minha observação e apliquei a regência em uma turma do nono ano do ensino fundamental.

O professor supervisor, que acompanhou meu estágio, tinha como metodologia pedir para os alunos lerem os parágrafos do livro didático que se ia discutir em cada aula então este explicava o que os alunos tinham acabado de ler com exemplo muitas das vezes do cotidiano dos alunos e com a ajuda da lousa escrevendo palavras chave do texto ou mesmo datas ou fazendo esquemas da matéria como linhas do tempo. Com intuito de manter a disciplina o professor mandava os alunos mais indisciplinados saírem da sala, ou as vezes alterava a voz em tons mais altos para impor sua autoridade.

Um ponto importante a ser destacado é que a formação do professor supervisor era Geografia, este foi o primeiro ano que ministrou aulas de História, fato que foi justificado pela carência de professores de história. O professor me afirmou que passava por certa tensão quando ministrava as aulas que não eram relacionadas à sua formação inicial.

## **2. As aulas de História e a preparação da regência**

No período em que fui estudante no ensino fundamental o que percebia da aulas de História é que não faziam nenhuma relação com a vida prática. Muitas vezes eu não percebia sentido em estudar História. O que ficou em minha memória é que os professores e livros didáticos apresentavam “verdades absolutas”, nada era passível de

problematização. Prevalencia um ensino centrado nos textos dos livros didático, nenhuma fontes histórica era exploradas. As imagens registradas no livro didático eram utilizadas apenas para legitimar o discurso do livro, havia uma concentração de resumos sobre a matéria. A metodologia do professor era manter a sala no mais absoluto silêncio, conseguido apenas depois de muita tensão. Prevalencia a aula expositiva, sem diálogos com os estudantes, algo que para todos os alunos era um tédio.

O que estudamos na teoria, nas aulas que discutem o ensino de História é o contrário de tudo isso que experienciei como aluno da educação básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs de História (1998) sinalizam para outra perspectiva. De acordo com o documento, o ensino de História deve permitir que os alunos ampliem, gradativamente, o conhecimento acerca de sua realidade, relacionando-a e confrontando-a com outras realidades, em outros tempos e outros espaços. Assim, supõe-se que os professores possam fazer suas escolhas, estabelecer critérios, selecionar saberes e orientar suas ações.

Apre demos que o ensino de História pode possibilitar aos estudantes compreender como os diferentes grupos viveram e pensaram suas vidas e suas sociedades em diferentes tempos e espaços. Pode permitir aos alunos conseguirem fazer múltiplas relações com diversos tempos e espaços e ao mesmo tempo, atentos para não cometerem anacronismos.

Os PCNs defendem a afirmação de que as formas de estudar o passado são plurais. Ressaltam que a diversidade de temas e abordagens deve ser alimentada e fundamentada pelo diálogo da História com outras áreas do conhecimento das Ciências Humanas, como a Filosofia, a Economia, a Política, a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Arqueologia, a Crítica Literária, a Linguística e a Arte. Reforçam que as atitudes do professor-pesquisador sejam de identificar, relacionar, interpretar o passado como expressões de vivências e de modos de pensar contraditórios de uma realidade social e cultural representadas.

Dessa forma o ensino de História pode ser instigante e não se limitar em saber histórico percebido pelos estudantes como um ramo morto da árvore do conhecimento. Pode ir além de se apresentar como uma massa de informações a serem decoradas e repetidas para satisfazer os professores, com o intuito apenas de tirar boas notas.

Nesse sentido, acredito que os usos das diferentes fontes e linguagens no cotidiano das aulas de História, podem contribuir para o ensino de História potenciador,

que aproxime da realidade do estudantes, que faça relações com sua vida prática. De acordo com Karnal (2004), um dos desafios do ensino de História é ensinar aos alunos não a contemplar o “edifício da História” como algo pronto, mas de ensinar-lhes a edificar o próprio edifício. Isso não significa ensinar as soluções, nem significa mostrar aonde se chegou num determinado momento histórico, nem sequer significa dar algumas explicações sobre como e por quê se chegou naquele ponto. Isso é importante, mas, não é o suficiente.

Ensinar a edificar o próprio ponto de vista histórico significa ensinar a construir conceitos e situações problema; significa ensinar a selecionar e interpretar dados e informações de maneira a ter maior compreensão da realidade que estiver sendo estudada; ensinar a construir argumentos que permitam explicar a si próprios e aos outros, de maneira convincente a apreensão da situação histórica; significa enfim a ter uma percepção mais abrangente da condição humana nas mais diferentes culturas e diante dos mais variados problemas.

Foi nesta perspectiva que fundamentei para organizar os conteúdos que foram ministrados ao longo das minhas regências, de uma forma coerente buscando relacionar presente e passado. Destaco que a organização das minhas regências seguiu o referencial teórico de uma “sequência de ensino”, que é caracterizada em quatro etapas: problematização; desenvolvimento da narrativa; aplicação de novos conhecimentos; reflexão/síntese.

A temática das aulas ministradas seguiu o cronograma que o professor supervisor estava ministrando: A Primeira Grande Guerra Mundial. Na primeira aula a que ministrei apresentei aos alunos, o tema e os objetivos das aulas. Iniciei problematizando o que os estudantes entendiam sobre o que era uma Guerra. Questionei: quem lucra com uma Guerra? Quem sofre com um Guerra? O que é melhor, uma guerra ou negociação pacífica? Após o debate com os alunos apresentei os princípios e propósitos da ONU (Organização das Nações Unidas).

Enfatizei os motivos que levaram a criação desse órgão, onde se localizava sua sede principal, qual era seu principal objetivo, e como eram distribuídas as funções de cada país membro, e mesmo como se regia o conselho de segurança desse órgão. Meu intuito na apresentação desse conteúdo era mostrar que a partir dos acontecimentos passados as nações buscaram estabelecer a diplomacia ao invés da força bélica, projetando assim para o futuro uma política de paz mundial. Nesse intuito busquei

desenvolver a consciência histórica dos alunos pois resgatei o passado fiz a percepção do presente e projetei um futuro, esse desenvolvimento e defendido pelo autor José Machado Pais que descreve;

Por isso, no processo de formação da consciência histórica dos jovens interessa-nos pesquisar as conexões possíveis entre as formas como os jovens adolescentes interpretam o passado, percebem o presente e configuram o futuro. ( PAIS, 1999 p.3).

Continuando a apresentação do conteúdo a que me refiro no parágrafo anterior busquei também minimizar os preconceitos existentes em meio a sociedade, explicando um princípio do documento que afirmava a importância de promover o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais, discutindo assim a presença em meio a sociedade contemporânea de diferentes raças, religiões e culturas que deviam ser compreendidas e respeitadas e citei o genocídio judeu na Segunda Guerra Mundial como exemplo de intolerância, esse princípio de discutir a presença de diferentes culturas em meio a sociedade e defendida pelo autor Marcos Silva e pela autora Selva Guimarães que afirmam;

Entre nós, o movimento multi, pluricultural se configura, na educação, como favorável à construção de currículos “culturalmente inclusivos”, que incorporem tradições culturais e sociais de grupos específicos, características econômicas e culturais das realidades locais e regionais. (SILVA, GUIMARÃES, 2007 p.47).

Ao ministrar a aula acima citada não tive problemas de indisciplina em sala de aula, creio eu devido a certo respeito que os alunos tinham em relação a minha pessoa pois, acredito que temos a tendência a inibição diante do desconhecido. Porém essa atitude dos alunos, por outro lado, foi negativa pois sua participação foi limitada na leitura do conteúdo explorado e mesmo nas respostas reflexivas sobre o mesmo, assim a aula em sua maioria ficou centrada em minha narrativa.

Ao final da primeira aula fiz uma pergunta exploratória sobre o nível de aprendizado do conteúdo que havia explicado, poucos alunos responderam e suas respostas foram a cópias na íntegra do documento, e não com suas próprias palavras de maneira reflexiva e com resgate a memória.

Na segunda aula que ministrei fiz o uso do projetor multimídia, apresentando os slides que preparei resumindo alguns pontos da Primeira Guerra Mundial. Para a utilização de tal recurso percebi as dificuldades da organização e da burocracia do

espaço escolar, pois o professor supervisor teve que agendar na secretaria o uso do projetor.

O tema era dividido em sub-temas e antes da apresentação de cada um destes eu mostrava aos alunos um slide que continha uma imagem de época ou uma caricatura jornalística sobre o período tratado ou uma pintura artística que representava o passado e mesmo mapas atuais que apresentavam as divisões políticas geográficas antes e após a guerra com o intuito de instigar os alunos a interpretar as fontes.

Acredito que as imagens constituem fontes importantes para o processo de ensino e aprendizagem, pois ampliam o olhar, possibilitam o desenvolvimento da observação e da crítica. São registros, evidências da história, representações do real, com os quais os professores e alunos podem estabelecer um diálogo, no sentido de ampliar a compreensão crítica da realidade. Entretanto, o professor deve estar atento para não confundir uma representação do real com o real em si. Como nos ensina Guimarães (2003), é necessário problematizar, refletir, interpretar sobre diferentes ângulos, a partir de perguntas tais como: o quê? Como? Por quê? Onde? Para quem? Para quê?

Procurei elaborar uma narrativa sedutora, a partir do que estava registrado no livro didático. Porém considero que esse objetivo foi timidamente alcançado devido a falta de perguntas específicas que conduzisse o olhar dos alunos e mesmo a falta de organização das respostas pelos alunos e também pelo tempo mínimo de cada aula. Essa prática de utilização de fontes em sala de aula é defendida pela autora Selva Guimarães Fonseca que afirma:

A utilização de documentos numa perspectiva metodológica dialógica propicia o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem que tem como pressupostos a pesquisa, o debate, a formação do espírito crítico e inventivo. (GUIMARÃES, 2003 p.217)

Na apresentação do conteúdo, considero que cometi alguns erros, pois não expliquei conceitos de maneira a ficar bem compreendidos, não busquei conhecimentos prévios dos alunos, a aula ficou concentrada em minha narrativa com pouca participação dos alunos.

Na última aula busquei reapresentar as imagens que havia apresentado nas aulas anteriores pedindo que formulassem um título e uma legenda com o intuito de averiguar o nível de aprendizado de cada aluno, porém, o tempo de aula não foi suficiente para a apresentação de todas as imagens, e mesmo as respostas dos alunos se concentravam na

mera descrição das imagens e devido a minha falta de administração na condução das respostas todos respondiam ao mesmo tempo. Dessa forma, percebi que não utilizei as imagens com todo o potencial que estas podem oferecer no processo de ensino e aprendizagem.

Quanto ao livro didático utilizado pelos alunos, considero de qualidade que deixa a desejar devido a apresentar uma história sem diferentes opiniões de autores sobre o conteúdo e mesmo as fontes históricas que continha o livro eram apenas para legitimar seu discurso, sem questões exploratórias e reflexivas.

Por fim, no intuito de desenvolver uma consciência histórica utilizei documentos do presente que remetem ao passado e tentam construir um futuro, mostrando assim aos alunos que no mundo os fatos não são naturais e sim fruto da ação humana no qual devemos impor a vontade política das classes exploradas. No intuito de minimizar os preconceitos utilizei fragmentos de um documento discuti a intolerância entre religiões e de raça nas guerras e incentivei o respeito às diferentes culturas. Em meu objetivo de mostrar aos alunos que as verdades científicas devem ser questionadas busquei incentivar a análise de fotos de época sobre o tema tratado. Mas reconheço que atingi minimamente esses objetivos por vários motivos, ao qual destaco como principal a inexperiência.

### **Considerações finais**

Em relação a importância da disciplina de estágio considero de suma importância, porém, e como não tem como ser diferente, possibilita apenas uma base superficial da vida docente. A experiência permitiu-me considerar que somos seres inacabados em constante formação. A relação teoria e prática é algo que exige exercício constante.

Concordo com Guimarães (2003), ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula. O professor não é mais aquele que apresenta um monólogo para estudantes ordeiros e passivos que por sua vez “decoram” o conteúdo. Ele tem privilégio de mediar relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações e o

conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos de nossa realidade sociohistórica. É nessa perspectiva que proponho estudar cada vez mais para que eu possa desenvolver uma formação inicial sólida e assim, como professor de História, contribuir na formação de uma cidadania plural.

## **Referências**

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte política**. 5<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL. **Proposta curricular de História**, Ensino Fundamental. Belo Horizonte: Secretaria de Educação de Minas Gerais, 1998.

GQUIMARÃES, Selva e SILVA, Marcos A. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo perdido. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

GUIMARÃES, FONSECA, Selva e Guimarães. **Didática e Prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**. Estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1996.

PAIS, José Machado. **Consciência Histórica e Identidades**: os jovens Português num Contexto Europeu. Celta Editora, 1999.